

DE QUEM É ESTE TEXTO?

Inteiramente diferentes foram a vida e a morte de um outro príncipe, que adotou o nome brasileiro de José Custódio Joaquim de Almeida. Ele chegou ao Brasil por volta de 1864, não como escravo, mas como um homem livre desterrado da pátria. Ignoram-se as razões por que veio para o Brasil. Teria sido expulso por algum conflito político? Seria um fugitivo? Ou teria sido exilado pelos britânicos? Custódio Joaquim afirmava repetidamente que recebia do cônsul britânico um estipêndio mensal em libras esterlinas, para que ficasse longe da África.

De onde seria ele? Seus contemporâneos gaúchos estavam convencidos de que provinha da Costa da Mina, o que não explica grande coisa, porquanto "Costa da Mina", no Brasil dos séculos XVIII e XIX, incluía a Costa do Ouro e o golfo do Benim. Um negro da Mina podia ser um fante, gã, axante, gum, fom, evé, mahi, hauçá ou iorubá. Em alguns lugares, como no Rio de Janeiro, qualquer africano que não fosse de Angola, dos Congos, do Gabão ou de Moçambique podia ser chamado mina.

Tudo o que sabemos sobre Custódio Joaquim provém do que foi impresso nos jornais do Rio Grande do Sul, durante as primeiras décadas do século XX. De acordo com essas notícias, ele deixou a terra natal em 1862, quando tinha 31 anos de idade. Conhecido pelos africanos de Porto Alegre como o Príncipe de Ajudá, talvez não tivesse com essa cidade maior ou qualquer ligação. O título pode ter-lhe sido dado porque lá embarcou. Mas talvez fosse o líder de uma comunidade de imigrantes de Ajudá numa terra próxima, como as que existiam, semi-independentes, em quatro bairros de Badagry, uma delas comandada pelo *jengen*. Não resisto em imaginar que Custódio Joaquim se contasse entre os chefes envolvidos na disputa entre o Reino Unido e a França pelo controle do golfo do Benim. Não seria assim coincidência o ter ele partido da África alguns meses depois da anexação britânica de Lagos. E vários antes da de Badagry.

Custódio Joaquim só chegou ao porto de Rio Grande dois anos após haver saído da África Ocidental, o que significa não ter ele viajado diretamente para o Brasil. Pode ser que tenha ido primeiro à Grã-Bretanha ou talvez a Montevideu ou Buenos Aires, pois ambas as cidades possuíam fortes vínculos com os britânicos. Se assim tiver sido, é fácil explicar por que escolheu, no Brasil, morar no Rio Grande do Sul: bastava-lhe cruzar a fronteira.

Custódio Joaquim viveu na cidade do Rio Grande durante vários anos. Mudou-se depois para Bagé. Nelas, fundou centros para a prática da religião africana, pois era um devoto do vodu Gum (ou do orixá Ogum). Tornou-se também famoso como especialista no uso de ervas medicinais.

Em 1901, Custódio Joaquim instalou-se em Porto Alegre. Adquiriu uma casa na rua Lopo Gonçalves, número 496. Nessa mansão, morou com suas cinco filhas e três filhos - não se encontrando na imprensa da época referência alguma à sua mulher ou às suas mulheres. O bairro era habitado principalmente por imigrantes italianos e seus descendentes. Pouco a pouco, porém, velhos africanos e negros brasileiros começaram a estabelecer-se em volta da casa do príncipe, provavelmente por desejarem ficar perto do homem que consideravam seu líder. Com o passar dos anos, o número de pessoas que moravam na casa aumentou para 25 (sem incluir os empregados), formando uma espécie de pequena corte.

Atrás da casa, Custódio Joaquim mantinha uma coudelaria para cavalos de corrida. Ele se considerava um grande especialista em cavalos e cuidava pessoalmente de seus animais. Todos os domingos, um ou mais de seus eqüinos tomavam parte nas corridas oficiais do Jockey Clube de Porto Alegre. Seu conhecimento de cavalos talvez seja uma indicação de que ele não era nativo do litoral africano, onde os cavalos eram virtualmente inexistentes, por causa da mosca tsé-tsé, mas, sim, da savana. É preciso lembrar, contudo, que, antes de chegar a Porto Alegre, Custódio Joaquim vivera 37 anos numa região famosa por seu amor aos cavalos e pela criação de eqüinos, e é possível que

tenha adquirido os gostos e habilidades de um gaúcho já no Brasil.

Custódio Joaquim tinha também um landô guardado num galpão, num galpão que, mais tarde, foi usado como garagem para o seu Chevrolet. Nessa época, não se viam mais do que uma ou duas dúzias de automóveis circulando pelas ruas de Porto Alegre, porque só as pessoas ricas tinham recursos para comprá-los. Custódio Joaquim, sem dúvida alguma, pertencia a esse grupo. Era proprietário de uma segunda casa, na praia da Cidreira, e nela costumava passar parte do verão, sempre rodeado por uma enorme quantidade de convidados.

Em sua casa de Porto Alegre, ele não apenas recebia muitos hóspedes e visitantes, como também abrigava pessoas com problemas financeiros ou de saúde. Continuava a tratar os doentes com ervas, apoiando-se na medicina tradicional africana. Nessa prática, teve, durante muito tempo, a assistência do filho de um imigrante alemão. O rapaz veio bater-lhe à porta como indigente, a pedir-lhe auxílio, e acabou por permanecer na casa, como uma espécie de agregado. Todos os anos, por ocasião de seu aniversário, o Príncipe dava uma festa que durava três dias. Uma festa à africana. O governador do estado, Borges de Medeiros, comparecia sempre às comemorações. Após a Abolição da escravatura e da Proclamação da República, homens como Custódio Joaquim passaram a ter importância eleitoral. E Borges de Medeiros não ignorava que uma palavra favorável do Príncipe podia render-lhe um bom número de votos de brasileiros de ascendência africana.

Com mais de 1,83m de altura, forte, extrovertido e cheio de energia, Custódio Joaquim era fluente em inglês e em francês, mas, curiosamente, nunca chegou a falar um português perfeito. A maior parte do tempo vestia-se de preto, de acordo com a moda européia; porém, em ocasiões especiais, usava trajes africanos ou uma mistura de roupas africanas e européias do século XVIII, jamais omitindo sua condecoração britânica. Frequentemente, cobria a cabeça com um fez vermelho ou um gorro branco, com abas laterais que lhe cobriam as orelhas, semelhante a um gorro acã de couro; e, na

maioria das fotografias, aparece fumando um grande charuto e usando um relógio de bolso, com uma pesada corrente de ouro.

O Príncipe de Ajudá morreu no dia 28 de maio de 1935, supostamente com mais de cem anos de idade. Sentia orgulho de sua idade avançada, que gostava de alardear. Comemorou seu centenário com uma festa que foi considerada por um dos jornais da cidade como a mais fantástica jamais havida em Porto Alegre.¹⁸ Nesse dia, montou um de seus cavalos sem qualquer ajuda, para demonstrar que ainda era um homem forte. Teve um funeral de acordo com as tradições da África Ocidental: para estupefação de seus amigos católicos e brancos, a festa do enterro durou vários dias, com música, dança e banquetes.

Custódio Joaquim aplicou seu prestígio e riqueza para melhorar as condições dos africanos e de sua comunidade, num estado onde existia forte discriminação contra os negros. Graças à sua personalidade exuberante e carismática, e talvez, também, pelo fato de que se apresentava como membro da aristocracia, não foi simplesmente aceito, mas, sim, apreciado e até mesmo admirado pela sociedade dos brancos. Ninguém sabia a origem da sua riqueza, pois não possuía nenhuma outra ocupação visível, a não ser a de medicar com ervas e a de exercer uma liderança inquestionável na sua comunidade. É possível que recebesse, como alegava, um substancial estipêndio do governo britânico, mas não sabemos por que essa quantia lhe era devida, nem de que forma lhe era paga. Até hoje, não encontrei prova de que o cônsul britânico em Porto Alegre ou as legações de Sua Majestade em Montevideu, Buenos Aires ou Rio de Janeiro o sustentassem. E nos arquivos do Foreign Office, em Londres, não vi menção a José Custódio Joaquim de Almeida ou a pagamentos feitos a uma personalidade africana em Porto Alegre.

É uma pena que, durante os 71 anos vividos por Custódio Joaquim no Brasil, ninguém pareça ter tido a curiosidade de pedir-lhe que narrasse a sua vida e se interessasse em escrevê-la. Não houve sequer um jornalista que lhe perguntasse

o seu nome africano. Embora Nina Rodrigues e Manuel Querino, na Bahia, e Sílvio Romero, no Rio de Janeiro, fossem exceções, a maioria dos contemporâneos do Príncipe de Ajudá acreditava que os negros não tinham história. Para Sílvio Romero, era uma vergonha que os brasileiros não estudassem os africanos que tinham a viver a seu lado e a trabalhar em suas casas. Como se dedicava a recolher canções e histórias populares, muitas delas de origem africana, ele sabia o valor do que se estava a perder. Instou, por isso, com os estudiosos de idiomas e outros especialistas para que aprendessem dos ex-escravos, antes que esses morressem, tudo o que sabiam de suas línguas, de seus povos, de seus costumes e de suas terras. Infelizmente para nós, o seu conselho não foi seguido.

1997.